



ARTE AFRICANA NAS DINÂMICAS DA GLOBALIZAÇÃO “HOTEL DE DIEU, PHARMACIE DES DEUX EGLISES, PHARMACIE DE LA MOSQUÉE. MALAM NA DOCTEUR”

Célia Maria Antonacci Ramos. CEART/UDESC

RESUMO: Com a descolonização dos países africanos e de outras colônias, toda uma herança de vínculos políticos, econômicos, linguísticos e artísticos estende-se após a independência e liga os países colonizados aos colonizadores europeus. Um número significativo de africanos, indianos, árabes e latino-americanos das ex-colônias hoje reside, trabalha e circula nas cidades europeias, muito em especial na França. Esses migrantes, ao se moverem por outras geografias, não só carregam suas culturas, crenças e formas de perceber e conceber a vida, mas também portam um senso crítico a respeito de políticas neoimperialistas. Este ensaio apresenta o artista camaronês Isaac Essoua Essoua, nomeado Malam, e sua elaborada crítica às mídias contemporâneas, ao sistema político dominante e sua conexão aos sistemas religiosos e de saúde ocidental.

Palavras-chave: Arte contemporânea. Globalização. África. Política. Mídia.

ABSTRACT: *From historic point of decolonization of African countries and other colonies, all a legacy of political, economic, linguistic and artistic dependence stretches after independence, connecting those countries to Europe countries. A significant number of Africans, Indians, Arabs and Latin Americans from former colonies now resides, works and circulates in European cities, most notably in France. These migrants, when moving to other geographies, not only carry their cultures, beliefs and ways of perceiving and interpreting life, but also a critical sense of neoimperialism politics. This essay presents the cameroonian artist Isaac Essoua Essoua, named Malam, and his elaborate critique to contemporary media, the political dominant system and its connection to religious and western health systems.*

Key words: *Contemporary art. Globalization. Afric. Politics. Mídia.*

Chegou a hora de discutirmos a natureza e o propósito da arte global que emerge, como uma Phoenix, a partir das cinzas da arte moderna no final de século XX, e se opõe a ideais acalentados da modernidade como progresso e hegemonia. Arte contemporânea, um termo usado há muito para designar a arte mais recente, assume um significado inteiramente novo quando a produção da arte, seguindo o rumo da política mundial e do comércio, em 1989, se expandiu através do globo. Os resultados dessa expansão sem precedentes desafia a continuidade de qualquer ponto de vista da arte eurocêntrica. A arte global não é mais sinônimo de arte moderna. Ela é, por definição, contemporânea, não apenas em um sentido cronológico, mas também em um sentido simbólico ou até mesmo ideológico. (BELTING, 2009, ps. 39/40, tradução nossa).

Hoje é o homem mesmo que se destrói. O mundo é causa de sua própria destruição. (MALAM, entrevista 11 de fevereiro 2013).

Telefones portáteis em desuso, fitas cassetes rebobinadas, aparelhos de TV, telas de computadores, fotocopiadoras e outros tantos utensílios fabricados desde a primeira geração da informática são colados *assembledos* a caixas vazias de remédios, seringas descartáveis, radiografias de corpos anônimos, cartazes de chefes de Estado e *popstars* da cultura ocidental, *barbis* e outras bonecas, pistolas e mini-canhões de plástico e outros objetos da vida cotidiana, da mídia e do mobiliário doméstico ou da construção civil – cadeiras, janelas e portas – encontrados nas sucatas de *brocantes*, nas portas dos hospitais e farmácias populares, ou recolhidos nos terrenos baldios da globalização. Eles desenham o espaço de Malam, um artista africano que recoloca em cena os utensílios descartados na aceleração capitalista e os personagens-ídolos do cotidiano neoimperialista e suas estratégias de controle camufladas nas sutilezas de mídias com as quais convivemos no nosso dia a dia. Em conversa com Malam¹, ele diz:

Eu trabalho com componentes de informática, como fitas cassetes, máquinas, todos esses utensílios da sociedade que estão em nossa vida cotidiana, como o telefone, as máquinas. Todos esses elementos que hoje nós carregamos o tempo todo, com os quais você vive o tempo todo e que aparentemente se tornou algo natural. O meu trabalho de arte é uma forma de interrogar o mundo em que vivemos. Procuro abordar nas minhas representações os aspectos escondidos da sociedade, como no cinema e no teatro, nos jogos infantis, nos *playstations*. Hoje, as crianças jogam jogos de guerra e nós estamos treinando-os como se tudo fosse um jogo, mas a realidade está lá. Nós vemos todos os dias as pessoas morrerem de uma maneira horrível, mas as crianças que veem essa imagem têm a impressão que tudo é uma imagem virtual, porque elas mesmas jogam com essa imagem ruim como um utensílio. Tudo que construímos hoje é na ordem do crime e o crime torna-se um elemento banal. Ele é visto como um jogo, como o futebol. Então, nós estamos dentro de um espetáculo e nós mesmos somos os espectadores, vemos as agressões e vemos os outros morrerem. Nos jogos as crianças manipulam as imagens, são elas que torturam as imagens. Nós lhes damos uma forma de construção que não tem outro valor que o negativo.



Ateliê de Malam, prédio 6B, Saint-Denis, Paris. Foto Andrea Eichenberger.

Do cinema aos jogos de lazer, nosso cotidiano é atravessado por novas tecnologias que, segundo sua aplicabilidade, condicionam nosso dia a dia e criam uma dependência, uma sujeição à necessidade tecnológica quase alheia à nossa vontade. Como muito já enfatizou Hannah Arendt (2008, p. 17),

O que quer que toque a vida humana, ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição da existência humana. É por isso que os homens, independentemente do que façam, são sempre seres condicionados. Tudo o que espontaneamente adentra o mundo humano, ou para ele é trazido pelo esforço humano, torna-se parte da condição humana.

Essa mudança radical da condição humana na era tecnológica alterou nossa percepção de tempo e espaço e condicionou especialmente os processos comunicacionais, mas também vem propiciando metodologias de educação e conduta de acordo com políticas competitivas entre o bem e o mal. Dos gêneros de aventura e esporte aos de lutas e guerras, os fabricantes de tecnologias de videogames – desde o Pong, surgido logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, até a última geração do Nintendo Wii –, pesquisam formas para aumentar a sensação de imersão do usuário na representação virtual e tornar a participação do jogador na competição o mais presencial possível. Nos videogames, especialmente nas tecnologias 3D, o jogador sente-se um avatar capaz de manipular as imagens

com a ilusão de ser ele também um personagem em luta, explica a pesquisadora Renata Cristina da Silva (2010). Como bem diz Malam, **“A criança que joga é quem manipula a imagem para torturar outra imagem. Nós lhe damos uma forma de construção que não tem mais que valores negativos”**. (grifo nosso).

Dinâmicas da globalização derrubaram o Muro de Berlim, pondo um ponto final aos quarenta e cinco anos de um inconveniente bloco soviético e um indesejável apartheid político na África do Sul, orientaram também a Revolução Cultural na China e a desmontagem das colônias imperializadas na virada do milênio. Agregado a essas políticas, o desenvolvimento de meios de transporte a jato, habilitados de percorrer longas distâncias em tempos curtos, e as tecnologias eletrônicas de acesso rápido e barato vêm condicionando nosso cotidiano à ideia de globalização, de sociedade coletiva, de amigos *facebook*, nômades e sem fronteiras, capazes de viajar num click eletrônico a velocidade-luz, conhecer o interior do corpo humano e modificá-lo sem dor e nem marcas e mapear as cidades e os ecossistemas. Tudo isso nos direciona à vertiginosa sensação de um “loop de montanha russa”(SEVCENKO, 2004), como se, de repente, numa virada de século, as culturas houvessem se conciliado entre elas mesmas e com a natureza.

Personagens como Michael Jackson, discursos presidenciais ou missas papais podem ser vistas de espaços distantes e em tempo real. Também as novas manifestações da natureza e dos homens em conflitos políticos e religiosos são transmitidos via satélite, adentram nossas casas e participam de nossas refeições familiares como documentários ficcionais similares às narrações cinematográficas e aos jogos eletrônicos de interação de pais e filhos nos momentos de lazer. Em meio a essa glamorosa euforia eletrônica, não percebemos que a globalização não é para todos. Refugiados de invasões, de secas e de escassez alimentar concentram-se nas fronteiras e abrigam-se nas ruas das grandes cidades. Novos muros são construídos física e ideologicamente com o objetivo de conter os indesejáveis para a globalização. Outras fronteiras confrontam-se, novas ideias negativas prevalecem. Conversando com Malam², vê-se que,

O fenômeno ou o problema da globalização, da mundialização, aparece com ideias negativas porque aqueles que constroem esse sistema, que eles vão chamar de globalização, começam com falsos princípios, com um forma de malignidade. Assim, no todo, no conjunto, só podemos encontrar o que estamos vendo no sistema monetário e em todos os sistemas, mesmo

no social. Então, o que poderia eu dizer-lhe sobre uma palavra como a globalização? Por que ela foi construída e como? Esse é o lugar onde os problemas surgem. (...) O comportamento da maioria dos chefes de Estado no mundo tornou-se a grande teoria de estratégias do mundo político. Para ganhar poder, eles manipulam um e outro. Que tipo de pessoas são essas? Quando se reúnem para encontrar uma palavra com todos os ingredientes de seu passado, suas manipulações, o que você acha que vai dar? É por isso que a política é uma palavra manchada de sangue.

Artista do mundo globalizado, Isaac Essoua Essoua, nomeado Malam, nasceu em 1967, em Douala, nos Camarões, e nos anos 1990 começou a trabalhar com arte. Em 2006 mudou-se para Paris e hoje vive entre Douala e Saint-Denis, subúrbio de Paris, e expõe nas principais bienais e galerias da Europa e da África.³ Atualmente, seu ateliê situa-se no prédio do 6B, um conjunto de ateliês em Saint-Denis. “Hotel de Dieu, Pharmacie des deux Eglises, Pharmacie de la Mosquée. Malam na Docteur” é sua mais recente criação, preparada especialmente para a galeria Soixante Adada, em Saint-Denis. Conversamos com Malam⁴ durante a preparação dessa exposição.

“Hotel de Dieu, Pharmacie des deux Eglises, Pharmacie de la Mosquée. Malam na Docteur”. “Malam na Docteur” é uma história de infância, da minha infância, de minha vida. “Pharmacie de la Mosquée” é uma história que me acompanhou porque eu vivia ao lado e Pharmacie des deux Eglises” é também uma outra história que me acompanhou porque eu estava no carrefour das igrejas, um carrefour que ainda existe. “Pharmacie de la Mosquée” também ainda existe. Eu cresci ao lado da “Pharmacie de la Mosquée e da “Grande Mesquita” Era um bairro de diversidade cultural e religiosa, onde se disputavam o islamismo, o catolicismo e o protestantismo. Quando eu chego na França, eu encontro o “Hotel de Dieu”. Então, eu intitulei essa exposição “Hotel de Dieu, Pharmacie de la Mosquée, Pharmacie des deux Eglises”.

História de infância, lembranças de religiões em conflito – “Pharmacie de la Mosquée”, “Pharmacie des deux Eglises” – e de deslocamento, Malam chega a Paris e logo encontra o “Hotel de Dieu”. Farmácia e hospital, dois templos de ressurreição clínica, de promessas milagrosas similar às das igrejas, como percebe Malam. Artista em diáspora, Malam compreende as tramas dos sistemas religiosos, políticos e econômicos embriagados em drogas farmacológicas, com o objetivo de ressuscitar e manipular líderes, chefes de Estado e *popstars* de acordo com as necessidades políticas e, na contemporaneidade, econômicas. Diz Malam⁵:

A gente fala da ressurreição. Hoje eu penso que estamos ao lado dessa ressurreição, porque há a ressurreição clínica, de pessoas que estão vivas, mas são de mortos-vivos, porque a medicina é que lhes dá vida. Antes

dizíamos que uma criança era concebida com o Espírito Santo, e hoje nós podemos nascer sem o sexo, podemos nascer sem fazer amor, sem ter o prazer do outro.

O crítico e historiador de arte Jonathan Harris (2011, p.5), na introdução do livro “Globalization and Contemporary Art”, comenta a convergência de categorias econômicas, culturais e biológicas inevitavelmente interligadas a ideias e pessoas. Harris cita o exemplo da morte inesperada do *popstar* Michel Jackson, em 2009, e o impacto dessa morte biológica e sua consequente “ressurreição” em outros meios. Primeira cena: os fãs lamentavam e celebravam seu ídolo via postagem de fotos e voz de Michel Jackson nos celulares e *facebook*s logo após o anúncio de sua morte. Na sequência, na segunda cena, empresários organizaram num grande espaço em Los Angeles, o suposto funeral privado do cantor. Centenas de pessoas deslocaram-se via aérea para esse evento, enquanto helicópteros sobrevoavam o local televisionando-o e enviando as imagens via satélite a outros cantos do planeta. Terceiro ato, outros empresários, que haviam perdido dinheiro com o cancelamento do show em Londres logo após o notícia da morte de Michel Jackson, apressaram-se em relançar seus CDs com o propósito de recuperar o prejuízo ou, quem sabe, até aumentar suas receitas em torno da morte biológica do cantor. E por aí vai. Concordamos com Harris (*idem*) quando nos diz:

Rapidamente, então, nós reconhecemos que as categorias “econômica”, “cultural” e “biológica” interagem em vários meios. Ainda que nós possamos identificar Jackson primeiramente como cantor e seu trabalho como “cultural”, a disseminação e a mercantilização de suas canções e seu talento na dança tiveram maior significado econômico nas redes de negócios que sua voz e corpo biológico. O desenvolvimento tecnológico que barateou a telefonia celular com as câmeras e o site do Youtube, onde foram postados as imagens dos fãs de Jackson lamentando sua morte, estão extremamente interligadas ao imenso poder dos sistemas de computadores, que permitem dia e noite as transações do sistema financeiro através do mundo, de Nova Iorque a Londres, de Londres a Paris, Tóquio a Pequim. (tradução nossa).

Diante desse cotidiano neoimperialista com receitas econômicas, Malam não se intimida. Interagindo com as diversas categorias – econômica, artística, cultural, religiosa e biológica –, ele elabora seu processo de criação e concebe suas exposições.

Na entrada da exposição “Hotel de Dieu, Pharmacie des deux Eglises, Pharmacie de la Mosquée, Malam na Docteur”, na primeira sala somos

atravessados pela dúvida de estarmos entrando em um espaço expositivo de arte ou no hall de hospitais contemporâneos, que sem condições financeiras e capacidade de absorção de clientes em estado de urgência expõem seus doentes em macas improvisadas logo na sala da recepção. Intubado na cama de emergência do “hospital” de Malam, percebemos a escultura-corpo de Michel Jackson revestida de caixas de medicamentos e embalado por um plástico transparente. Michel Jackson não pode morrer, não morre. A indústria cultural, mais que os fãs, o querem vivo, precisam de seu talento, de sua voz, do corpo que dança. Artista-ídolo vendido no mercado, embalado pela mídia capitalista, pelo sistema cultural, mais que artista, cantor e performer, ele é uma mercadoria, não pode se esgotar!



Entrada da exposição, Galeria Soixante Adada, Saint-Denis. Foto Andrea Eichenberger.

Na sequência da exposição à sala principal da galeria –, o espaço se projeta numa altura de seis metros. Nele, Malam pregou três enormes cruzes em madeira indicando nas *assemblagens* ali agregadas o triunvirato de poderes políticos em disputa contemporânea. Na parede do fundo, a mais visível na entrada da sala, ele expõe no alto da cruz a face do ditador da Líbia, o conhecido coronel Mouammar Kadhafi, morto em maio de 2011. Na haste vertical da cruz, uma cadeira de rodas sustenta um corpo mutilado de guerra. Abaixo, ao pé da cruz, uma caixa de

instrumentos musicais exibe a estampa sorridente do líder francês Nicolas Sarkozy, que recebeu Kadhafi em Paris, em 2007, quatro anos antes de sua morte, numa visita controversa de chefe de Estado. Completando a *assemblagem*, percebemos duas garrafas de rum com os emblemas “Saint Nicolas” e “Saint Kadhafi”.



Malam na montagem da exposição. Cruz com a máscara de Mouammar Kadhafi.

Foto Andrea Eichenberger.

Na parede lateral da sala, o alto da cruz é ornado com outra figura, agora do líder e fundador do grupo islâmico al-Qaeda, o paquistanês Oussama ben Laden, supostamente morto também em 2011. Aos pés dessa cruz está a figura do presidente dos EUA, Barack Obama, o que dispensa comentários. A terceira cruz nos mostra, em seu alto, uma frigideira enferrujada com uma caveira sobre ela. Nas laterais da cruz, tubos de sangue e oxigênio tombam do alto ao chão numa alusão aos métodos de ressurreição clínica empregados nos hospitais contemporâneos.



Cruz lateral com as máscaras de Oussama ben Laden e Barack Obama.

Foto Andrea Eichenberger.

No começo deste novo século, quando pensávamos tão imaginativamente que estávamos adaptados à aceleração da avançada tecnologia, e havíamos compreendido que não há dicotomia entre culturas civilizadas e primitivas, e o eixo leste/oeste havia se reconciliado no capitalismo, somos surpreendidos com o retorno do modernismo na aliança dos povos brancos, europeus e norte-americanos anunciando-se na liderança do eixo do bem no combate ao terrorismo islâmico. A linguagem da política contemporânea é fundamentalista. Sylvester Okwunodou Ogbechie (2008, p.165, tradução nossa) comenta:

A linguagem da política contemporânea é a linguagem da religião e a ascensão das religiões fundamentalistas estão por todo o mundo. (...) O sublime retorno do modernismo na cultura contemporânea é evidente no impacto da recorrente agressão do ocidente à população não-ocidental. (...) Mais uma vez, o ocidente evoca o primitivismo para justificar seu projeto imperial, sob o disfarce de levar a “democracia” e a “civilização” aos povos e lugares literalmente escuros.

Preenchendo as paredes laterais da galeria, Malam exhibe desenhos de corpos humanos sobre radiografias de corpos desconhecidos. Diz Malam⁶:

Para fazer esta exposição, e fazer uma ligação entre a religião, medicina e meu cotidiano e minha vida, eu encontrei diversos meios para trabalhar. Assim, nas radiografias que exploram nosso próprio corpo, nossa humanidade, nosso espírito, eu entro no imaginário do corpo humano. O que será que vemos através desse filme que atravessa nosso corpo humano, o que há nesse ponto mais obscuro?

Manipulando os contornos exibidos nas radiografias, explorando os desenhos internos de nosso corpo, de nossos órgãos e ossos, Malam (re)desenha de forma rápida e expressionista esqueletos, caveiras ou outras partes do corpo humano, personagens imaginários. “Eu nada faço a não ser seguir o que a natureza humana já fez!”, diz Malam.



Trabalhos na exposição “Hotel de Dieu, Pharmacie des deux Eglises, Pharmacie de la Mosquée. Malam na Docteur”. Foto Andrea Eichenberger.

Além desses trabalhos no interior da sala de exposição, no dia da vernissage, na frente da galeria Soixante Adada, Saint-Denis, Malam exibiu sutilmente uma bicicleta. Um trabalho em preparação sobre as vitórias do ciclista francês Lance Armstrong, que obteve sete vitórias na Volta da França e é acusado de ter usado substâncias proibidas, como EPO e esteroide, além de realizar transfusões de sangue para fugir do *antidoping* entre 1999 e 2005, quando venceu o *Tour de France* sete vezes consecutivas.⁷ Com esse trabalho, Malam pretende chamar a atenção às dopagens de ciclistas e outros desportistas, os super-homens que lideram as competições internacionais patrocinados por grifes famosas e sob efeitos medicamentosos da indústria farmacêutica.



Galeria Soixante Adada, Saint-Denis. Foto Andrea Eichenberger.

O comportamento de liberdade e poder que as drogas prometem, para Malam significam, ao contrário, a total perda da liberdade e inserem-se na perspectiva política de manipulação do indivíduo através de seu condicionamento ao uso de drogas farmacológicas, de efeitos narcótico ou psicotrópicos, e estão na trama da economia ou do poder, quer seja da Igreja, do Estado, da cultura ou do esporte.

Em “Hotel de Dieu, Pharmacie des deux Eglises, Pharmacie de la Mosquée, Malam na Docteur” e em muitos outros projetos e obras, Malam questiona qual é o destino dos homens face a sua própria destruição. Por vezes utiliza seu próprio corpo como molde de suas esculturas, que se completam numa ação incendiária com objetivo de dar um aspeto macabro às obras, ligando-as à ideia da violência das guerras e do terrorismo que incendeiam corpos de militares e civis, mesmo crianças, nos corriqueiros ataques com bombas nos centros urbanos. Malam indaga? “O que mais queima que uma bomba? O que você espera que o corpo humano se torne após uma bomba?”

Em 2009, sua criação “Mussango ou la Paix”⁸ colocou em cena ao longo do cais da ponte Alexandre III, em Paris, uma dezena de esculturas com aspecto terrificante. Contracenou um impressionante exército de esculturas de soldados

imolados pela queima proposital em seu processo de criação com as glamorosas esculturas douradas de querubins e ninfas que ornaram a Ponte Alexandre III. Malam nos mostra em suas esculturas que a beleza não existe.



Malam no processo de imolação das esculturas. Foto Andrea Eichenberger.

Autodidata, Malam porta em suas mãos a habilidade africana de esculpir, desenhar, trabalhar com materiais diversos recolhidos do cotidiano. Ao usar o próprio corpo como molde de suas esculturas, dá a elas um retrato de si mesmo em meio às disputas contemporâneas. Artista em diáspora, percebe as políticas conflituosas de um mundo globalizado dominado pelo maniqueísmo da política, da mídia, do esporte e dos sistemas econômicos, que manipulam seus atores valendo-se de drogas farmacológicas contemporâneas.

Instalações montadas com máscaras carnavalescas, garrafas de bebidas alcólicas, equipamentos hospitalares em desuso, radiografias, muletas, caixas de instrumentos musicais e muitos outros objetos sem efeito estético, Malam nos surpreende em suas remontagens ao atribuir um resultado estético imprevisto aos utensílios descartados. São técnicas já empregadas em culturas africanas e recriadas nos movimentos dadaístas e surrealistas. Com suas poéticas, Malam nos

obriga a perceber que a arte contemporânea é o resultado de histórias compartilhadas nas culturas em movimento.

Além disso, as instalações e *assemblagens* de Malam, elaboradas com a estética do descartável, do perecível e do carnavalesco da sociedade de consumo, transformam o espaço expositivo – galerias, museus, bienais –, lugares anteriormente de culto da obra de arte, em lugares de percepção sobre a sociedade de última geração, informatizada eletronicamente, mas controlada por esse mesmo sistema e pelos medicamentos. Ao devolver os lixos eletrônicos e urbanos em contexto de arte, Malam delinea a complexidade das condições a que somos condicionados e retorna à sociedade questões sobre a tecnofobia contemporânea e sua sutileza imperceptível do emaranhado urbano, da mídia, da política, da religião, da saúde e da doença. Propicia aos visitantes a possibilidade de viver e pensar de outra forma.

Hoje, a proximidade das culturas demanda um novo aparato crítico para pesarmos o presente e suas relações com a produção em arte. Há novas percepções de cultura, mídia, comportamento e pertencimento cultural. Comunidades em diáspora apresentam descontinuidades e criolizações culturais. Questionam os discursos pós-imperiais nas interseções de novas políticas fundamentalistas no seio mesmo da cultura dominante. Uma análise crítica às novas manifestações em arte requer um olhar nas circunvizinhanças das novas tecnologias, da economia, da religião, da ciência e dos esportes, e as conexões desses sistemas aos novos imperialismos.

Os artistas africanos contemporâneos ambicionam não apenas sua subjetividade artística na posição histórica do presente, eles injetam um novo dinamismo na arte do ocidente, fato já comprovado desde nada menos que os primeiros anos do modernismo, quando Picasso, Klee, Max Ernest e muitos outros artistas recriaram a partir da observação de outras estéticas.

A arte contemporânea exige que o modernismo seja redefinido, que os binarismos ocidentais, que construíram as teorias da colonização e impuseram uma fronteira historicamente determinada, sejam abolidos não só na arte, mas também na política e na vida social, pois afinal de contas, os “outros”, ainda que subalternos

nos meios políticos, sociais e artísticos, são também os agentes de uma mesma história, a história de nosso tempo, como já assinalou Paul Gilroy (apud Morgan, 2011, p.11).

NOTAS

¹ Malan, entrevista em 15 de março 2012, 14:30.

² Malan, entrevista em 15 de março 2012, 14:30.

³ Em 2009 expôs uma série de esculturas imoladas por queima proposital ao longo do cais da ponte Alexandre III, "Mussango ou la Paix", como denominou essa instalação, questionava as atrocidades das guerras. Em 2004 e 2006, participou da bienal de Dakar, no Senegal, e também em 2004, na Bienal de Gwangju, na Coreia do Sul. Em 2007, expôs na "Johannesburg Art Fair" e na "Goodman Gallery", em Joanesburgo, na África do Sul e realizou uma individual na galeria "Peter Herrmann", em Berlim. Em 2005, expôs "O sangue dos outros", em Saint Denis, na França, e na "Création Weather Report Foundation", em Amsterdam. Somam-se a essas, outras exposições e eventos na Europa e África, especialmente na "Galerie Gondwana", em Douala, sua cidade natal, e outros encontros que agregam artistas africanos, como o "Encontro de Africanos Bourgogne", na France, "Carta branca para a África contemporânea", de Marie-Laure Croiziers de Lacvivier, na Ponte Alexandre III, e o "Segundo encontro de artistas africanos em Saint-Denis, ambos em Paris, 2006.

⁴ Entrevista 11 de fevereiro 2013.

⁵ Entrevista 11 de fevereiro, 2013.

⁶ Entrevista 11 de fevereiro, 2013.

⁷ <http://esporte.ig.com.br/maisesportes/ciclismo/2012-08-24/lance-armstrong> e-

⁸ "Mussango ou a Paz" (tradução nossa).

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Florence Universitária, Rio de Janeiro, 2008.

BELTING, Hans; BUDDENSIEG, Andrea [orgs.]. **Contemporary Art as Global Art. A critical estimate**, in **The Global Art World, Audiences, Markets, and Museums**. Karlsruhe, HATJECANTZ, 2009.

HARRIS, Jonathan. **Globalization and Contemporary Art**. USA, Wiley-Blackwell, 2011.

MORGAN, Lesile. The Emergence of Black Art in Britain, in **Colloquy text theory critique**. Monash University. www.arts.monash.edu.au/ecps/colloquy22 (2011).
©/journal/issue022/morgan.pdf

OGBECHIE, Sylvester Okwunodou. The Peril of Unilateral Power: Neomodernist Metaphors and the New global Order, in **Antinomies of art and culture, modernity, postmodernity, contemporaneity**. Smith, Terry e Okwui Enworsor e Nancy Condee [orgs.] Duke University Press, Duhham e Londres, 2008.

SILVA, **Apropriações do termo avatar pela Cibercultura: do contexto religioso aos jogos eletrônicos**. Disponível em:
<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/819>. Acesso em 11 de abril, 2013.

Célia Maria Antonacci Ramos

Doutora em Comunicação e Semiótica, PUC/SP e professora do PPGAV/CEART/UDESC. Realizou entre 2011/2012 estágio de pós-doc no CNRS/CEMAf, Paris, com bolsa CAPES, processo nº 1113-11-9. Coordena os projetos de pesquisa "Poéticas do Urbano" e "Políticas e Poéticas da Arte Africana contemporânea no contexto de Globalização".